

The background image shows a woman in a yellow dress sitting on a ledge, looking down with a somber expression. Her right hand is clenched into a fist. In the foreground, a hand holds a glass jar containing a small, cowering woman. The scene is lit with a yellowish-green light, creating a somber and oppressive atmosphere.

**JORNAL DA**   
**REDE OBLATA**

INFORMATIVO Nº 15 | ANO 5 | SETEMBRO DE 2016

**AS FACES DA  
EXPLORAÇÃO SEXUAL E  
TRÁFICO DE MULHERES  
E CRIANÇAS**

Pág. 12

**CANAIS DE INFORMAÇÃO E DENÚNCIA | Pág. 16**

**CONOCER Y ENFRENTAR SITUACIONES DE  
EXPLOTACIÓN DE LA MUJER | Pág. 07**

**MACHISMO E CULTURA DO ESTUPRO | Pág. 02**

# EDITORIAL

*“Querer ser livre é também querer livres os outros. (Simone de Beauvoir)”*

Em tempos de excessos, de acesso de raiva e corações perdidos, é preciso olhar o mundo com olhos de compaixão sem perder o rumo do que nos é direito. E a liberdade é direito fundamental. Poder ir e vir com segurança, poder amar e crer em uma vida melhor não deveria ser promessa feita com desvios, mas sim um direito respeitado.

Mulheres de ontem e de hoje sofrem com os padrões de uma sociedade que insiste que o seu ser e viver tem coleiras do destino. O nascer fêmea em locais subjugados pelas relações de poder tem muito peso e ainda precisa de muita informação para a transformação. Sim, precisamos de mãos dadas na luta contra a violência de gênero e contra toda forma de opressão que queira nos convencer de que gente tem direitos diferentes.

Que humanidade diversa é essa que discrimina e violenta? Que inteligência sabida é essa dos que querem calar a nossa voz?

Ultrapassar as barreiras da alma e atacar o que há de mais sagrado em nossa existência, nossa essência? **NÃO**. Iremos gritar e buscar espaços para que os direitos das mulheres sejam respeitados; para que o abuso e a exploração sejam denunciados.

Nesta edição do Jornal da Rede Oblata, trazemos à tona temas que nos inquietam e confrontam diariamente. Na televisão, nas revistas, na internet e onde a vista não alcança, estão histórias de pessoas que têm suas vidas roubadas e dignidade pisada. A exploração sexual e o tráfico de pessoas são assuntos recorrentes, mas ainda repletos de lacunas da invisibilidade.

Que esta leitura possa informar e trazer espaço não apenas para a reflexão, mas para a ação em prol da justiça social.

Comunicação Oblata

# MA CHISMO E CULTURA DO ESTUPRO

Por Luiza Pralon

Religiosa Oblata do Santíssimo Redentor  
Projeto Antônia - São Paulo/SP

Segundo Marina Castañeda, “uma das definições de virilidade que os jovens de nossa época, em muitas sociedades, compartilham é a necessidade de dominar as mulheres para demonstrar sua masculinidade”. A mesma define o machismo como “uma realidade de muitas facetas”, mas sempre com o viés de superioridade e dominação masculina ou de construção social do que é o masculino. Este discurso, estabelecido pelo sistema patriarcal, onde o homem tem o controle da vida, do corpo e da sexualidade da mulher, vai inconscientemente incentivando e justificando a ato do estupro, que é entendido como “a prática não consensual do sexo, imposta por violência ou ameaça de qualquer natureza”. O estupro, na maioria das vezes, é legitimado pela cultura machista de dominação do homem sobre a mulher.

Falar de cultura do estupro nos remete àquele caso recente ao qual uma jovem, natural do Rio de Janeiro, foi estuprada por mais de 30 homens. Este caso choca-nos mais ainda por percebermos que muitas pessoas, logo em seguida do fato ocorrido, justificavam a ação dos estupradores com falas machistas que expressavam a face conservadora e

patriarcal de nossa sociedade, onde para a mulher é determinado um certo lugar, uma forma de ser e de se portar e, caso a mesma não atenda a esses padrões estabelecidos, torna-se “merecedora” de tais barbáries.

A cultura machista define o homem como superior e detentor dos poderes sobre as mulheres. Marina Castañeda, ao fazer referência ao machismo, afirma: **“Sempre me surpreendeu a facilidade com que os homens proíbem coisas às mulheres, como se isso fosse natural: “meu marido me proíbe de sair sozinha. Não posso sair à noite, porque meu marido não gosta que chegue tarde”.”**

**Na forma machista de pensar, a mulher é tratada como propriedade de um homem específico. Há atitudes e comportamentos de pais e companheiros que levam a mulher a acreditar que são expressões de amor, cuidado e carinho, porém, na realidade são maneiras de controle, dominação e violência.**

**O machismo gera e fortalece a cultura do estupro. Leva a sociedade a culpabilizar e responsabilizar a mulher pelos atos de violências sofridos.**

Os discursos são diversos:

**“Elas estavam bêbadas.”**

**“Elas estavam de roupas curtas.”**

Mas, elas definitivamente não “estavam pedindo”. Acreditar que elas estavam pedindo sexo por estarem alcoolizadas ou vestidas de um ou outro jeito é também sucumbir à cultura do estupro.

É necessário desconstruir essa cultura sustentada pelo machismo, pois esta é responsável pela violação dos Direitos Humanos das mulheres; é preciso conscientizar nossa sociedade de que a formação patriarcal e machista gera desigualdades de gênero.

- 
1. Castañeda, Marina – O MACHISMO INVISÍVEL. São Paulo: Ed. A Girafa, 2006. 1ª Edição
  2. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro>
  3. IDEM
  4. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro>

**BASTA DE VIOLÊNCIA!**





# **A PESSOA QUE ABUSA É A MESMA QUE CUIDA**

## **Vulnerabilidades, abuso e exploração sexual CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS**

Por Isabel Cristina Brandão Furtado – Psicóloga  
Projeto Diálogos pela Liberdade - Belo Horizonte/MG

“

Acordava com ele passando a mão pelo meu corpo, forçando os dedos entre minhas pernas. O horror e o medo tomavam conta de mim. Como era possível? Minha avó tinha me ensinado que não deveria deixar ninguém tocar em mim. O dia que tive coragem gritei: “você faz isto com outras meninas?”. Ele respondeu: “claro que não, elas têm pai.”

“Acontece que ele era meu pai! Raiva, medo, vergonha, dor. Muita dor. Nem sei dizer o que era aquilo que se passava dentro de mim. Doía o corpo e sobretudo a alma. Fui recolhendo retalhos e percebi que o fato de ele exigir que me vestisse com roupas compridas e largas, que não cuidasse de meus cabelos, que não tivesse amigos - de fato me sentia tão feia e ridícula que não me aproximava de ninguém – era uma forma de controle. Ele repetia sempre: “você tem o espírito da prostituição”. Custei a entender. Na verdade ele me responsabilizava pelo descontrole de seus impulsos. Quer dizer, me culpava por ele me violentar; do tipo “eu não sei por que estou batendo, mas você sabe porque está apanhando”. Como era possível? Pai é para cuidar. Durante muito tempo não contei nada para ninguém. Tinha certeza que iam dizer que eu provoquei aquela situação.” -----

Descobri que quando uma criança tem coragem de relatar que foi abusada, normalmente muitos anos se passaram e ela não é mais uma criança. Contudo, os ecos da dor da violência sofrida são atuais. Já era adulta quando percebi que a violência sexual contra crianças e adolescentes era tema constante na mídia. Isto despertou minha curiosidade e resolvi ler mais sobre o tema.

Aprendi que, assim como eu, **A MAIORIA DAS PESSOAS QUE SOFREM VIOLÊNCIA SEXUAL SENTEM VERGONHA E MEDO DE DENUNCIAR**. Despertar a sexualidade de uma criança em uma idade que ela não tem maturidade para entender o que está acontecendo é abuso de poder. Como o abusador geralmente é uma pessoa próxima, que deveria exercer inclusive a função de cuidador, acreditamos que ninguém irá acreditar no que falamos. É a palavra de uma criança ou adolescente contra a palavra de um adulto. Vivia um enorme conflito: prazer- culpa- vergonha. Como assim? Apesar do medo eu sinto algo agradável quando ele me toca? Sempre ouvimos dizer que crianças são inocentes, anjinhos assexuados. Hoje sei que a Psicologia não pensa assim, que sentir prazer é normal e que as crianças têm formas específicas de manifestar sua sexualidade.

É difícil explicar, mas a pessoa que abusa é a mesma que cuida. Em minha cabeça ficava uma confusão enorme entre sexo e afeto. Não entendia bem o que se passava, mas desconfiava de que “algo errado” estava acontecendo, principalmente pelas ameaças de não abrir a boca. Um sentimento horrível de que não é amada – ou será que aquilo era uma forma de amor? O medo de ser abandonada e agredida além de sentir vergonha

e culpa. Dá uma angústia horrível! Guardar aquele segredo tem consequências: dormia mal, tinha pesadelos terríveis; não queria ter amigos; na escola era um fracasso; me sentia feia e suja. Se outras pessoas descobrissem, o que elas iam pensar de mim?

Outra coisa: já repararam que quando a mulher é vítima de violência a culpa é sempre dela? Lembram-se da menina que foi estuprada por trinta homens e a repercussão que teve o fato na mídia? O delegado encarregado do inquérito transformou a vítima em culpada. Como ironiza Rita Lee: **“morreu violentada porque quis. Vivia, dançava, queria ser feliz”**. **O que está por traz desta coisa de dizer que “a culpa é dela”?** Esta é uma longa história que começa na ideologia patriarcal, machista que tenta enfiar na nossa cabeça que a desigualdade econômica e social, de gênero e raça é “natural” e por isto é “natural” tratar os mais “fracos e inferiores” com violência e negligência.

A menina, ainda que seja criança, tem que ser recatada. Qualquer coisa é motivo para ser taxada de “oferecida”. E se for negra e moradora da periferia? Aí que é discriminada mesmo. Será que eu, criança, tão magrinha, tímida, insegura era oferecida? Mais uma coisa: tentam passar a ideia de que abuso sexual somente acontece na favela. Isto não é verdade. O que acontece



é que as famílias de classe média têm mais condições de construir um **MURO DE SILÊNCIO** sobre tais fatos.

Foi uma grande luta interna encarar o medo e a vergonha e não ficar com este segredo engasgado na minha garganta. Não quero ser tratada como sobrevivente de uma tragédia, mas o fato é que aos 16 anos achava a vida tão sem sentido que tentei me matar. Hoje sei que qualquer prática sexual “forçada” é considerada crime e violência, seja ela exercida contra crianças, adolescentes ou adultos, independente de condição socioeconômica ou cor da pele.

Preste atenção nestes dados da Faculdade de Medicina do ABC registrado em 2001:

**“Estima-se que, no Brasil, 165 crianças ou adolescentes sofrem abuso sexual por dia ou sete a cada hora (Abrapia, 2002). A maioria das crianças abusadas é composta por meninas, na idade entre 7 e 14 anos.** De acordo com as estimativas, uma em cada três ou quatro meninas brasileiras é abusada sexualmente até a idade de 18 anos. Da mesma forma, um entre seis e dez

meninos é abusado até os 18 anos. O incesto é uma das manifestações mais perversas da violência sexual. Este estudo registrou que 90% das gestações em jovens com até 14 anos foram fruto de incesto, sendo o autor, na maioria dos casos, o pai, o tio ou o padrasto”.

**O senso comum nos faz pensar que o abusador (pedófilo e/ou incestuoso) é um doente mental ou psicopata. Porém, muitos deles são pessoas acima de qualquer suspeita.**

Embora o conceito médico entenda que a pedofilia é um desvio sexual, alguns estudiosos do assunto pensam que abusar de uma criança, especialmente nos casos de violência intrafamiliar, tem muito a ver com ideias machistas que veem o macho como superior, e a família, especialmente a mulher e as filhas, como propriedade dos pais. Quem nunca ouviu: “vou ser o primeiro; não vou deixar pra outro macho”. Horrível, mas muitos pais pensam assim.

É bom lembrar que abuso sexual não é somente o contato físico. Pode ser qualquer atitude ou palavras que despertem precocemente

a sexualidade da criança (voyeurismo, exibicionismo, pornografia). E, por fim, a exploração sexual que é usar criança ou adolescentes para o “trabalho sexual”.

Abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes acontecem em todo o mundo e está ligado às relações desiguais entre homens e mulheres, adultos e crianças, brancos e negros. **PREVENIR O ABUSO É DEVER DE TODOS.**

Devemos estar atentos ao que uma criança diz por meio de seu comportamento ou de seu silêncio. Embora falar de sexualidade seja um tabu, acredito que a educação e a informação podem contribuir para uma mudança de cultura, na qual prevaleça o respeito ao direito. O abuso sexual deixou de ser “um segredo familiar” e entrou na agenda das políticas públicas. Se tomar conhecimento de algum caso de violência ou abuso sexual contra crianças e adolescentes, não tenha dúvidas, disque 100 para denunciar.

Texto baseado em histórias verdadeiras de mulheres atendidas no Projeto Diálogos pela Liberdade.



#### GUIA DE REFERÊNCIAS

- **Construindo uma cultura de prevenção à violência sexual** /Benedito Rodrigues dos Santos, Rita Ippolito. - São Paulo. Childhood Instituto WCF-Brasil; Prefeitura da Cidade de São Paulo; Secretaria de Educação, 2009.
- **Abuso sexual infantil: indicadores de risco e consequências no desenvolvimento de crianças** - Jeane Lessinger Borges; Débora Dalbosco Dell’Aglío - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - Brasil
- **Vítimas da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes Indicadores de Risco, Vulnerabilidade e Proteção** | Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos Equipe Executora; Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos, Ms. Andreína Moura, Ms. Jaqueline Maio, Profa. Ms. Monise Serpa, Profa. Ms. Sarah Baia.

# CONOCER Y ENFRENTAR SITUACIONES DE EXPLOTACIÓN DE LA MUJER

Por **Verónica Sereno** (Laica de Argentina)  
Proyecto Puerta Abierta

Hna. **Sandra Ortiz** (Hermana Oblata de Uruguay)  
Proyecto Casa Abierta

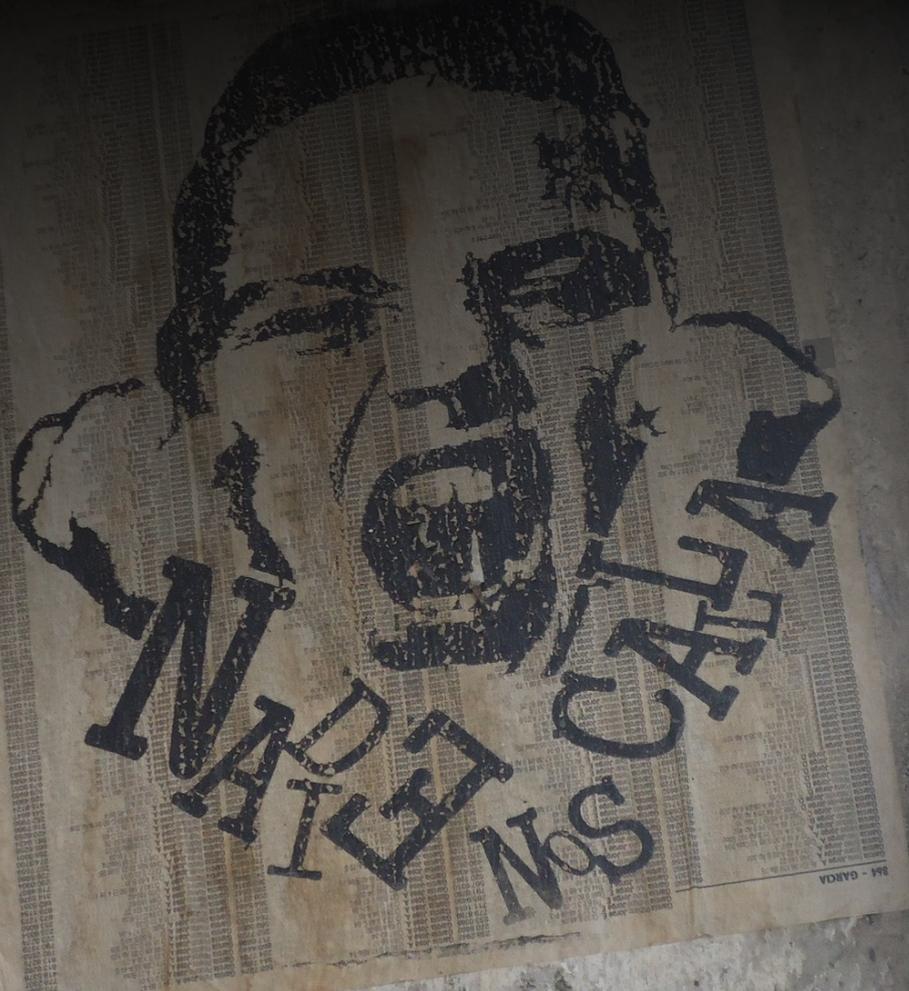
Hasta la década del setenta los gobiernos acordaban que la prostitución no debía ser legalizada ni organizada por el Estado. En los ochenta, con el neoliberalismo comienza un proceso por el cual los proxenetas se transformaron en empresarios, generando una “industria del sexo”. El paradigma del ejercicio de la prostitución cambia, como también las respuestas que damos desde los proyectos.

## CAPACITACIÓN

El Equipo de Misión Provincial emprendió el desafío de iniciar en el mes de mayo un espacio virtual de capacitación sobre la realidad de la prostitución y trata de personas para la explotación sexual, destinado a los proyectos pastorales de nuestra Provincia (Angola, Argentina, Brasil, Uruguay).

Un grupo de personas nos dedicamos a leer, analizar, reflexionar a partir de textos expuestos en la web, realizando un recorrido a través de siete entregas sobre: 1) La prostitución en el mercado global, corrupción, pobreza; 2) Ciudades involucradas en el turismo sexual; 3) Posición abolicionista y reglamentarista; 4) Trata de personas para la explotación sexual - la experiencia de trabajo en los proyectos y la realidades de las mujeres afectadas por la explotación sexual; 5) Atención a las víctimas; 6) Proceso penal; 7) La salud de las mujeres.

Reconocimos nuestras ciudades como lugares estratégicos. La “industria del sexo” crea las herramientas necesarias para venderlas en el mercado a costa de la vida de muchas mujeres. La corrupción, la pobreza son aliadas para facilitar el sostenimiento de estas prácticas generando un es-



pacio propicio para el crimen organizado. Pudimos observar el *ranking* en América latina de las ciudades más *top* en oferta de sexo: 1° Río de Janeiro; 2° Bogotá. 3° Lima. 4° Buenos Aires. 5° Cartagena de Indias. 6° Quito. 7° Montevideo. De alguna manera nuestros proyectos están en el centro de la acción.

Por otro lado, los relatos de las sobrevivientes de trata para la explotación sexual nos interpelan en nuestro accionar. Somos testigos de la resistencia que generan las mujeres excluidas social y culturalmente, somos testigos de su potencial para revertir su situación. Si a cada sobreviviente se le restituyen sus derechos, con respeto y comprensión, tendiendo redes de sostenimiento, afianzamiento y crecimiento estaremos en un buen camino.



# A VIOLÊNCIA QUE ASSUSTA

**Por Alessandra Nascimento Gomes**  
Psicopedagoga | Coordenadora do  
Projeto Força Feminina  
Salvador - BA

A violência de gênero é um sério problema na sociedade brasileira, sociedade com desenhos machistas, sexistas e patriarcais, em que os valores morais e representações históricas da mulher acabam traçando um perfil de vulnerável até para aquelas em que a luta é um fato constante.

Segundo Araújo (1996), a “violência contra a mulher” é frequentemente utilizada como sinônimo de violência de gênero. Mas, apesar da sobreposição existente entre esses conceitos, há especificidade no uso dos mesmos como categorias analíticas. Esta violência produz uma relação de poder e expressa uma forma que delega ao homem o direito de dominar e controlar as mulheres, usando assim a dita força que impera na cultura machista instau-

rada nas relações entre de homem e mulher na sociedade.

Mesmo diante de diversas lutas já vivenciadas, percebemos o retrocesso na efetivação de políticas públicas, tornando-se este um grave problema social no Brasil e no mundo. Além da educação patriarcal e conservadora, que é fortalecida no lar das famílias brasileiras. Isso torna a luta pelos direitos ainda mais difícil e dá margem ao “poder” que o homem acredita ter sobre a mulher, desencadeando diversos tipos de violência.

As mulheres salientam:

“Desde pequena minha mãe fala que tenho que aprender a fazer as coisas para agradar meu marido”.  
Marta\*

“O homem é mais forte mesmo, por isso eles que dominam”.  
Cris\*

“Se vier me bater eu meto o que tiver perto de mim, mesmo sabendo que ele é mais forte”. Celeste\*

“Eles estão pagando... muitas vezes temos que se submeter a tudo mesmo. Isso não é violência. Estamos lá porque queremos”.

Com as mulheres em situação de prostituição, esse processo não é diferente, aliás, se torna ainda maior, pois, a todo instante, estão vulneráveis nas localidades que realizam os programas. Essas mulheres sofrem violências constantemente por diversos autores, que são: companheiros, clientes, donos de bares e boates, policiais, sociedade civil, família e as próprias colegas de “batalha”. Se pensarmos que além do fato de serem prostitutas essas mulheres, são usuárias de substâncias psicoativas, negras, pobres, e muitas estão em situação de rua, a violência acaba “criando asas” para a proliferação contínua na vida dessas mulheres.

Percebemos essa violência no relato de Maria\* (atendida pelo projeto): “Pense... o cliente não queria usar a camisinha. Eu disse que não iria fazer o programa se não usasse. Ele insistiu. Acho que colocou alguma

**coisa na minha bebida, porque cochilei. Quando acordei estava com a camisinha em cima de mim e o esperma jogado na minha vagina. Fiquei louca!”.**

Dentre os riscos de violência que as mulheres em situação de prostituição sofrem estão as agressões físicas e as agressões psicológicas que acabam afetando suas vidas e impedindo a sua socialização e engajamento em movimentos sociais que acreditam e lutam pelo enfrentamento à violação de direitos e violência contra mulher. Isso acontece por não acreditarem que serão capazes de reverter e ressignificar suas histórias.

Entre os vários riscos, estão aqueles relacionados às agressões, pois as mulheres não escolhem os clientes e a violência nesse cenário é constante, seja física ou psicológica, tais como abusos sexuais, tráfico de mulheres, estupro, roubos, insultos, xingamentos, humilhações, ou seja, ofensas verbais e morais. Outro risco pelo qual passa a mulher que exerce a prostituição diz respeito às questões de saúde pública, no que se refere à vulnerabilidade diante das doenças sexualmente transmissíveis (DST), exatamente pelo sexo sem proteção. Há, ainda, o risco da quebra do sigilo de

sua atividade, pois muitas prostitutas a escondem de seus familiares. (REVISTA LATINO AMERICANA DE ENFERMAGEM, 2012)

**O COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER AINDA TEM UM LONGO CAMINHO A PERCORRER**, pois precisamos além de trabalhar a conscientização nas instituições de ensino formal e informal – inserindo gênero como disciplina obrigatória e capacitando educadores - sensibilizar a sociedade sobre o respeito às diferenças e importância da **SORORIDADE E IGUALDADE NAS RELAÇÕES**.

Pensemos também em exigir das autoridades responsáveis a efetivação das políticas públicas para as mulheres e acompanhamento e rigor nas medidas já existentes como a Política Nacional de Enfrentamento à violência contra mulher e a Lei Maria da Penha.

Enquanto isso, nós, movimentos sociais, por meio de ações, de falas e de escritas, **DENUNCIAMOS A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E EXALTAMOS A FORÇA DA MULHER NA SOCIEDADE**. Sabemos que não é uma luta fácil, pois existem várias dificuldades. Mas, diante destas, entendemos ser necessário prosseguir no debate.

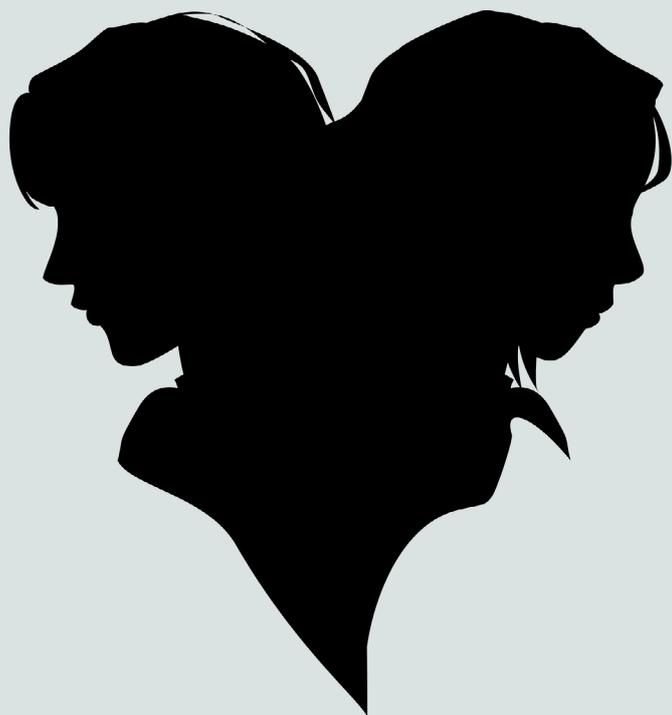
\* Os nomes utilizados são fictícios para preservação da identidade das mulheres atendidas.

**A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES SILENCIA VOZES E VIDAS.**

**DENUNCIE LIGUE 180**



# ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL: UMA GRAVE VIOLAÇÃO DA INTIMIDADE E DOS DIREITOS HUMANOS



Por Ana Paula S. Santos  
Pastoral da Mulher de Juazeiro/BA

Falar sobre abuso e exploração sexual nos dias atuais ainda é uma tarefa complexa e desafiadora, por se tratar de episódios marcados por dores, revoltas, medos e inseguranças. É também perceber a existência de uma relação de poder que oprime e violenta, causando consequências danosas e por muitas vezes imensuráveis para a pessoa que é vítima desse ato tão perverso e desumano, como percebemos no relatos das mulheres atendidas pelos projetos oblatas.

Sabemos que tal situação denota uma grave violação da intimidade e dos direitos sexuais, seja esta por meio da força ou repressão, ocasionando sérias consequências no que se refere ao desenvolvimento físico, psicológico e social das pessoas vitimadas, evidenciando concretamente a VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS por meio da negação do direito de ter uma sexualidade saudável e benéfica.

Através da experiência socioeducativa com mulheres em situação de prostituição, especificamente na cidade de Juazeiro – BA, verifica-se inúmeros casos e relatos de mulheres que já passaram pela dolorosa experiência de abuso e/ou exploração sexual, onde essa violência nitidamente tornou-se manifesta em suas vidas.

No presente texto, o foco da análise se encontra voltado para casos e relatos referentes à exploração sexual dessas mulheres.

Existe uma série de fatores que podem favorecer esse tipo de violência, como a desigualdade nas relações de gênero, étnicas, culturais, desestruturas familiares e outros. E, diante dessa realidade, apresentamos o depoimento de uma mulher assistida pela Pastoral, no qual ela traz a seguinte declaração:

**“Eu descobri o que é homem com 15 anos. Também trabalhei muito em casa de família e quando a patroa era boa eu até demorava no trabalho. Também tive a descoberta do brega, né? Levei calote... nessa vida a gente faz amizade com todo tipo de gente né?! Com isso eu aprendi a não ser abestalhada, não confiar em todo mundo, entendeu?! (E. S.)**

As afirmativas de E.S apresentam certos direitos que lhes foram tirados numa fase determinante de

sua vida, a adolescência, que é a etapa de desenvolvimento humano marcada pelo processo de transição entre a infância e a idade adulta, onde o que lhe marcou foi a necessidade de ter que trabalhar para garantir o seu sustento e sobrevivência. Daí, já se constata a existência da necessidade econômica. Paralelamente, surge também a sua adentrada ao universo da prostituição, atividade que conforme a legislação brasileira somente é permitida para pessoas adultas e não adolescentes. Nesse contexto, ela ainda destaca os “manejos” que precisou aprender para não sofrer consequências, como menciona no caso do calote. Entretanto, a dimensão das consequências vai além de um calote de programa. Refiro-me aos direitos violados: segurança e proteção, por exemplo. Direitos que são estabelecidos pela Constituição e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Retomando o tema dos calotes na prostituição, outra mulher assistida pela Pastoral relata:

“Calote com programas na minha adolescência eu levei duas vezes, depois disso não levei mais não. Só era adiantado. Aprendi a trabalhar dentro das casas e conquistar a confiança. Tudo isso foi descoberta pra mim.” (C.P)

Essas declarações reforçam mais uma vez a necessidade de que a referida mulher teve de buscar mecanismos de defesa para permanecer em um contexto que lhe explorava. Mas, o tempo passou, essas mulheres se tornaram adultas e exercem a prostituição, sem infringir a lei, já que a sua prática não é considerada crime no Brasil, desde que exercida por pessoas adultas. Daí surge o questionamento: **houve um processo de escolha para essas mulheres adentrarem ao universo da prostituição ou nessa trajetória ocorreram circunstâncias que as condicionaram a estar nesta condição?**

Durante um atendimento realizado para F.R na sede da Pastoral, ao se falar sobre o tema da exploração sexual, a mulher atendida declarou:



**“Percebo que sou explorada nos espaço de prostituição quando a dona me exige pagar pelo uso da camisinha, quando sou obrigada a fazer programas com clientes que não quero, ou consumir bebida mesmo quando não estou a fim. Isso para mim é uma exploração, mas, como necessito, termino aceitando”.**

Diante dessas afirmativas, se pode concluir que o tema da exploração sexual na prostituição necessita ter maior visibilidade, de maneira que sejam vistos e ponderados os distintos elementos que se encontram presentes na mencionada problemática. É importante também considerar as histórias de vida das mulheres que, na infância e/ou adolescência, foram vítimas de exploração sexual e mesmo adultas permanecem alocadas num contexto de violência e opressão da sexualidade e do “ser mulher”.

Faz-se necessário que o Poder Público atue por meio de políticas contundentes para a prevenção e proteção, combatendo toda e qualquer forma de exploração sexual para a garantia dos direitos humanos, especialmente das crianças, adolescentes e mulheres.

Referências:

Diagnóstico: relatos de histórias de mulheres atendidas pela Pastoral da Mulher em Juazeiro-BA.

**23 DE SETEMBRO**

**DIA INTERNACIONAL  
CONTRA A EXPLORAÇÃO  
SEXUAL E O TRÁFICO DE  
MULHERES E CRIANÇAS**



Para marcar o Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças, celebrado todos os anos no dia 23 de setembro, vários estados brasileiros promovem ações de mobilização para prevenção à exploração sexual e o tráfico de pessoas.

A **CAMPANHA CORAÇÃO AZUL**, promovida no mundo todo pela **Organização das Nações Unidas**, é apoiada pelo Ministério da Justiça. A iniciativa busca conscientizar a sociedade e serve de inspiração para medidas que ajudem a acabar com o tráfico de pessoas. A ação também permite que todas as pessoas demonstrem sua solidariedade com as vítimas do tráfico de pessoas, usando o Coração Azul. O Coração Azul representa a tristeza das vítimas do tráfico de pessoas e nos lembra da insensibilidade daqueles que compram e vendem outros seres humanos.

Fonte: Ministério da Justiça e Cidadania

**REDE UM GRITO PELA VIDA  
ENFRENTAMENTO  
AO TRÁFICO DE PESSOAS E  
EXPLORAÇÃO SEXUAL**

Por Ir. Manuela Piñeres

Religiosa Oblata | Articuladora da Rede Um Grito pela Vida

A Rede da Vida Consagrada comprometida no enfrentamento ao tráfico de pessoas foi criada no ano 2006, em Salvador/BA. É um projeto da Conferência de Religiosos e Religiosas do Brasil (CRB), que atua em 26 núcleos por todo o Brasil. É membro de TALITHA KUM, a Rede Internacional da Vida Consagrada que articula 22 redes presentes em 75 países, nos cinco continentes, ativas na luta contra o tráfico de pessoas. A Rede Um Grito pela Vida está articulada localmente com organizações eclesiais, governamentais e não governamentais para viabilizar ações de prevenção e sensibilização sobre o tema.



**MISSÃO:** sensibilizar, capacitar multiplicadores/as, informar, mobilizar, denunciar, tecer parcerias e lutar por políticas públicas em prol da prevenção e enfrentamento ao Tráfico de pessoas e exploração sexual.

A Rede entende que as ações de prevenção e de incidência política podem ajudar a diminuir o número de pessoas traficadas e que precisam de assistência, assim como busca frear o crescimento das redes deste crime organizado transnacional que a cada dia ameaça e ceifa mais vidas humanas.

Acrescenta-se ainda que as leis punitivas existentes no país para esse crime são inferiores às que atuam no combate ao tráfico de drogas e de armas, que podem ter punição de 15 anos ou mais. Mas, para o tráfico de pessoas a punição varia de 03 a 05 anos, uma abismal desigualdade, principalmente por se tratar de pessoas que comercializam pessoas, e não substâncias ou objetos.

## UMA REDE EM MOVIMENTO DISCERNIR E PRIORIZAR

A Rede Um Grito pela Vida sempre está em movimento e em permanente discernimento frente à realidade do tráfico de pessoas nas suas diferentes modalidades.

Nos seus encontros anuais de reflexão e formação sempre traz assessorias que lhe possam ajudar a abrir novas janelas para avançar na compreensão desta realidade, sobretudo, para criar e priorizar respostas novas aos desafios que apresenta, já que o contexto muda de acordo com a conjuntura do país e do mundo.

Nessa perspectiva, no Encontro Nacional da Rede realizado em 2015, foi elencada como uma de suas prioridades a “Promoção de Olimpíadas nas Escolas”, que tivesse como intuito a prevenção e sensibilização quanto ao tráfico de pessoas. Esta prioridade foi retomada e impulsionada no encontro de articuladores/as de junho de 2016, focando os núcleos nas regiões sudeste e sul, justamente por serem sede dos Jogos Olímpicos.

Pode-se dizer ainda que a Rede continua a levantar a bandeira da prevenção do tráfico no setor juvenil e buscando articulação com novas parcerias para gerar, conjuntamente, estratégias frente ao dina-

mesmo desta sociedade marcada por um capitalismo neoliberal globalizado, onde os corpos humanos ou suas partes são um produto a mais para comprar e vender. A desumanidade cresce vertiginosamente, sendo um de seus expoentes o tráfico de pessoas com produção e reprodução de sofisticadas formas desse crime.

O autor argentino Edgardo Buscaglia, no seu último livro, alertou para essa inumanidade do tráfico. Segundo ele, “o tráfico de pessoas, que é um dos grandes negócios do crime organizado transnacional, é um crime contra a humanidade. Nós temos uma situação em que essas redes criminosas cometem crimes contra a humanidade em todos os lugares.”

O trabalho realizado pela “Um Grito pela Vida” é parte de seu projeto de seguidores/as de Jesus, que sempre agiu com profetismo, anunciando uma nova humanização e uma humanidade nova, onde a vida da pessoa esteja sempre em primeiro lugar, (Cfr. Lc: 6,9) e denunciando as estruturas geradoras de injustiça e opressão.

Essa atuação o colocou em xeque com o sistema de dominação de sua época e o levou até a morte dentro de um processo religioso e político.

**Qual seria o chamado para nós leitores/as frente a esta atuação de Jesus?**



# ATUAÇÃO DA REDE FRENTE AOS MEGAEVENTOS

Em parceria com outros grupos e organizações religiosas e laicas, a **Rede Um Grito pela Vida** realizou a Campanha “**JOGUE A FAVOR DA VIDA - DENUNCIE O TRÁFICO DE PESSOAS**”, paralelamente à Campanha da Fraternidade de 2014, que tinha o mesmo tema. O foco da Rede foi a sensibilização durante a Copa do Mundo de Futebol.

Essa Campanha deu grande visibilidade ao nosso trabalho e ajudou a denunciar o tráfico de pessoas, crime que se mantém na clandestinidade. Teve também uma grande repercussão nacional e internacional. Dentre as ações, desmascarou situações que usam a oportunidade dos megaeventos para vender a fantasia de mais emprego. Mas, na realidade, os lucros e benefícios ficam para aquelas organizações e pessoas que hegemonicamente impõem seus parâmetros no sistema econômico e esportivo imperante na esfera internacional.

Já em 2016, com a realização das Olimpíadas no Brasil, foi realizada a segunda edição da campanha **JOGUE A FAVOR DA VIDA**, com foco na prevenção e sensibilização sobre o tráfico de pessoas e exploração sexual. O lançamento aconteceu na sede principal das Olimpíadas, no dia 31 de maio, aos pés do Cristo Redentor (RJ). Esta iniciativa teve e mantém um protagonismo muito relevante para a Rede. O núcleo do Rio de Janeiro levou entusiasmo e compromisso para somar com outras pessoas em um amplo leque de parcerias da sociedade civil e do poder público.



Dentre as mais diversas e criativas atividades realizadas pela Rede no Rio de Janeiro, vale um destaque para a **VIGÍLIA DA DIGNIDADE**, que aconteceu no dia 1º de agosto, promovida por organizações como o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), *The Peoples Movement for Human Rights Learning (PDHRE)*, UNICEF e mais de 30 entidades brasileiras. A atividade armou uma tenda e um palco na Cinelândia.

A Vigília culminou com a iniciativa da Tocha da Dignidade, movimento global que, até o momento, conta com atividades previstas e já realizadas em 12 países (Portugal, Áustria, Gana, Índia, EUA, Canadá, Argentina, Colômbia, Nova Zelândia, Kosovo, Costa Rica e Brasil). Tais iniciativas de incidência política deram visibilidade à outra face das Olimpíadas, megaevento que atraiu muitos turistas do exterior e de outros locais do país.

Embora o turismo traga alguns benefícios para a economia brasileira, a rede alertou a sociedade quanto ao turismo sexual, que por muitas vezes usa este tipo de evento como facilitador e porta de entrada para o trá-

fico de pessoas, sobretudo de crianças, adolescentes e mulheres para exploração sexual. Isso foi percebido por meio de dados que indicam o aumento de denúncias ao Disque Denúncia durante os megaeventos. A seguir alguns dados para ilustrar esta constatação.

Segundo a Secretaria de Direitos Humanos (SDH), “nas quatro semanas do evento esportivo, Copa do mundo de futebol, as denúncias de exploração sexual de crianças e adolescentes cresceram 41,2% no ano 2014, em comparação ao mesmo período de 2013. (...) As denúncias refletem um aumento já esperado nas estatísticas devido ao alto fluxo de turistas estrangeiros e brasileiros.” (Correio Braziliense – 22/07/2014)





TALITHA KUM - CAMPANHA ITÁLIA



“A expectativa de receber centenas de milhares de turistas durante a Olimpíada e Paralimpíada do Rio 2016 representou para o Brasil oportunidades, mas também potenciais problemas. Um deles é o aumento de casos de violações de direitos de crianças e adolescentes, sobretudo exploração sexual infantil.” (<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016>)

“Com as Olimpíadas de 2016, se teve um grande fluxo de turistas e queremos tirar das sombras da violência meninos e meninas. Não podemos permitir que exista, por exemplo, pacotes turísticos oferecendo serviços de acompanhantes de crianças e adolescentes. Isso é um absurdo”. [www.compromissoeatitude.org.br/tag/direitos-humanos/feed/](http://www.compromissoeatitude.org.br/tag/direitos-humanos/feed/))

**Dados recentes do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro apontam que 70% das vítimas de violência sexual no estado são menores de idade. Para a coordenadora interina do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) no Rio de Janeiro, Priscilla Pires, “o turismo sexual no estado ainda é muito grave e os casos aumentaram na alta temporada e nos megaeventos. A exploração sexual é velada.”**

Conforme as informações citadas, percebe-se que a tendência foi o aumento da exploração sexual infantil em tempos de megaeventos, apesar de terem acontecido ações significativas de conscientização da população quanto ao turismo sexual e prevenção do tráfico de pessoas (principalmente de crianças e adolescentes). Foram realizadas ações em algumas escolas e ONG's do Rio de Janeiro e outras cidades que sediaram parte deste jogos olímpicos. (<http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/noticias/article.php/storyid>)

Faz-se necessário fortalecer as redes de proteção das crianças e adolescentes e de assistência às mulheres que ficam vulneráveis ou estão em situação de tráfico humano.

Neste mês de setembro, estamos convidados/as a crescer em consciência diante da realidade de exploração sexual de meninas e mulheres. Mas esta luta não pode ser lembrada apenas em uma data marcada. Devemos acreditar que é possível tecer redes, articular e integrar recursos humanos e institucionais para incidir politicamente, trilhando caminhos de justiça para que as redes do crime organizado transnacional, como é o tráfico de pessoas, possam ser investigadas e punidas. Estas redes criminosas enganam e se aproveitam dos sonhos de vida melhor, transformando-os em pesadelos; ameaçando e roubando vidas, particularmente das pessoas mais empobrecidas e vulneráveis.

Para concluir, queremos compartilhar com vocês, leitoras e leitores, algumas dicas e canais de informação e atendimento às pessoas em situação de tráfico e exploração sexual.



Disque Direitos Humanos - Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Atende denúncias de violações de direitos humanos como, por exemplo, o tráfico de pessoas.



Central de Atendimento à Mulher, da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Recebe denúncias relacionadas à violações contra as mulheres e as envia para a Segurança Pública com cópia para o Ministério Público de cada estado. Para isso, conta com apoio financeiro do programa 'Mulher, Viver sem Violência', propiciando-lhe agilidade no atendimento, inovações tecnológicas, sistematização de dados e divulgação. Para os dois números, 100 e 180, a **ligação é direta e gratuita**; e as denúncias podem ser anônimas. A denúncia também pode ser feita via internet pelo e-mail: [disquedenuncia@sedh.gov.br](mailto:disquedenuncia@sedh.gov.br).

**NO EXTERIOR**

Em parceria com o Ministério da Justiça e suporte de embaixadas brasileiras, o serviço **LIGUE 180** também está disponível às brasileiras que vivem no exterior.

**NA ESPANHA:** ligue para 900 990 055; disque opção 1 e, em seguida, informe (em português) o número (61) 3799.0180.

**EM PORTUGAL:** ligar para 800 800 550, discar 1 e informar o número (61) 3799.0180.

**NA ITÁLIA:** ligar para 800 172 211, discar 1 e, depois, informar (em português) o número (61) 3799.0180.

As pessoas que se encontram em outros países também podem solicitar ajuda nas Embaixadas ou Consulados do Brasil. Os telefones e endereços estão disponíveis em [www.portalconsular.mre.gov.br](http://www.portalconsular.mre.gov.br).

Estes dados foram reproduzidos do Caderno intitulado "Tráfico de Pessoas - Mercado de Gente" - pág. 14 e pág. 15. Autoria: Programa Escravo nem pensar - Repórter Brasil (com o apoio do Ministério Público do Trabalho).

**DENUNCIAS DE CASOS DE TRATA DE PERSONAS (LLAMADA GRATUITA)**

**EL SALVADOR:** 123, 126 y 911.

**GUATEMALA:** 1552

**HONDURAS:** 8990-5187

**NICARAGUA:** \*188 con la Policía Nacional quien luego transferirá con la unidad especializada, o marcar de manera gratuita al 133 el cual es parte de la iniciativa mundial de *Child Helpline International*.

**COSTA RICA:** 800-8000-645

Fonte: Red Ramá | [redrama.org/category/denuncia](http://redrama.org/category/denuncia)



TU DENUNCIA AYUDA

**145**  
LLAMÁ AL

**LAS 24 HORAS**  
LOS 365 DÍAS DEL AÑO

# 23 RAZÕES PARA GRITARMOS CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL E TRÁFICO DE PESSOAS

1- Tráfico de pessoas e exploração sexual são graves violações dos Direitos Humanos.

2- A EXPLORAÇÃO SEXUAL É UMA FORMA DE AGRESSÃO À DIGNIDADE HUMANA.

3- A cada hora, 228 crianças, em especial meninas, são exploradas sexualmente em países da América Latina e do Caribe.(ONU)

4- O Tráfico de pessoas para exploração sexual perde em rentabilidade apenas para a indústria das armas e do narcotráfico. (ONU)

**5- A EXPLORAÇÃO SEXUAL REPRESENTA 53% DOS CASOS DE TRÁFICO DE PESSOAS NO MUNDO. (OIT)**

6- Segundo o Disque 100, a cada hora, quase três denúncias de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes foram registradas no país ao longo de 2014.

7- Cerca de 4.500 denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes foram registradas no primeiro trimestre de 2015. (SDH/GOV)

8- A EXPLORAÇÃO SEXUAL TRANSFORMA PESSOAS EM OBJETOS SEXUAIS E/OU MERCADORIAS.

9- Seguindo a mensagem de redenção do Senhor, somos chamados a denunciar e combater as novas formas de escravidão no mundo. (Papa Francisco)

10- NÃO PODEMOS SER CÚMPLICES PELA VIA DO SILÊNCIO E INÉRCIA.

11- É preciso fortalecer a rede de denúncias e proteção contra esses crimes.

12- "PARA CADA VIOLÊNCIA DENUNCIADA, EXISTEM 10 NÃO DENUNCIADAS." (SSPDS-CE)

13- Foram mapeados um total de 1.969 pontos vulneráveis à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas rodovias federais, sendo 566 considerados pontos críticos e 538 com alto risco. (Mapeamento OIT, Childhood Brasil, SDH/PR e MPT)

14- A exploração sexual mercantiliza vidas por meio de redes de pornografia, tráfico e turismo sexual.

15- É preciso sensibilizar a sociedade para a gravidade desses crimes que cerceiam a liberdade e destroem vidas.

16- Precisamos reforçar os canais de comunicação para denúncia contra a exploração sexual de crianças e adolescentes.

17- Nos indignamos e nos compadecemos com o



sofrimento das pessoas enganadas e exploradas.

**18- ENTENDEMOS QUE É PARTE DE NOSSA MISSÃO LUTAR PELA DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS, UNINDO-NOS NA CAMINHADA EM PROL DE UM MUNDO MELHOR.**

19- É preciso lutar por políticas públicas voltadas para a prevenção e enfrentamento do Tráfico de Pessoas, que apresenta como uma de suas modalidades a Exploração Sexual.

**20- FALTA INFORMAÇÃO PARA QUE A POPULAÇÃO POSSA ENTENDER, IDENTIFICAR E DENUNCIAR A EXPLORAÇÃO SEXUAL E O TRÁFICO DE PESSOAS.**

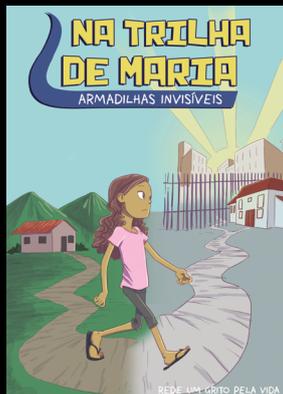
21- Tod@s nós devemos nos comprometer para acabar com esse vergonhoso problema.

22- Com a internet, meninos e meninas estão cada vez mais vulneráveis aos aliciadores e aliciadoras.

**23- GRITAMOS PELO DIREITO DE VIVER COM LIBERDADE E SEM VIOLÊNCIA.**

**Por Nanda Soares** - Comunicadora da Rede Oblata  
Articuladora de Comunicação da Rede Um Grito pela Vida  
Consultora da Conectidea - Comunicação e Articulação Social  
Texto publicado em [www.gritopelavida.blogspot.com](http://www.gritopelavida.blogspot.com)

## INSTRUMENTOS INFORMATIVOS



A Rede Um Grito pela Vida lançou a revista "Na Trilha de Maria", primeira edição da série de quadrinhos ARMADILHAS INVISÍVEIS, que tem o objetivo de denunciar e sensibilizar sobre a vulnerabilidade social envolvida nas situações de tráfico de pessoas.

"Na Trilha de Maria" conta a história de uma menina de 12 anos que descobriu que a exploração pode vir disfarçada de oportunidade amiga.

[www.gritopelavida.blogspot.com](http://www.gritopelavida.blogspot.com)



Dentre os inúmeros resultados desta pesquisa está o dado surpreendente de que 96% das pessoas entrevistadas acreditam que há tráfico de mulheres no Brasil, sendo que 82% avaliam que isso ocorra em sua própria cidade, o que descarta a crença vigente de que o tema é lenda urbana ou assunto fictício de novela. (Associação Mulheres pela Paz - Datafolha 2016)

### EXPEDIENTE

JORNAL DA  
**REDE OBLATA**

Conteúdo desenvolvido pelos Projetos Oblatas da Província Santíssimo Redentor | Distribuição Online

Realização: Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor  
[www.oblatas.org.br](http://www.oblatas.org.br) | [www.hermanasoblatas.org](http://www.hermanasoblatas.org)

Coordenação: Ir. Maria Beatriz Paixão (OSR) e Lucinete Santos (Educadora Social)

Edição e Diagramação: Nanda Soares  
Relações Públicas - CONRERP Reg. 2296  
Comunicação Oblata: [imprensaoblatas@oblatas.org.br](mailto:imprensaoblatas@oblatas.org.br)  
Conectidea - Comunicação & Articulação Social  
[www.conectidea.com.br](http://www.conectidea.com.br)

## PROJETOS DE MISSÃO OBLATA



Humberto Primo 1244/48  
CP 1103 - Buenos Aires - Argentina  
(5411) 4304.6510  
[puertaabiartarecreando@yahoo.com.ar](mailto:puertaabiartarecreando@yahoo.com.ar)  
[www.puertaabiartarecreando.blogspot.com](http://www.puertaabiartarecreando.blogspot.com)



Centro Social Renacer  
Rua Cerveira Pereira, 23  
Lobito - Benguela (Angola)  
Tel.: (244) 924.310.166



Centro Madre Antonia  
Jazmín, 7258 - Las Flores  
Rosário 2000 - Santa Fé  
(341) 4637427  
Argentina



Calle Juan José de Amézaga,  
1706 - Barrio Vila Muñoz  
Montevideo - Uruguay  
Tel: (00598) 2208.7760  
098855579  
[casabiertauguay@gmail.com](mailto:casabiertauguay@gmail.com)  
[www.casabiertauguay.blogspot.com](http://www.casabiertauguay.blogspot.com)



Rua Cerqueira César, 96,  
Salas 1 e 2 - Santo Amaro  
São Paulo/SP - Brasil  
CEP: 04.750-080 | (11) 5524.1576  
[p.antonio@oblatas.org.br](mailto:p.antonio@oblatas.org.br)  
[www.projetoantonio.blogspot.com.br](http://www.projetoantonio.blogspot.com.br)



Rua Raul de Queiroz, 110  
Alagadiço - Juazeiro/BA - Brasil  
CEP: 48.904-130 | (74) 3611.0699  
[pmmjua@oblatas.org.br](mailto:pmmjua@oblatas.org.br)  
[www.unidadeoblatajuazeiro.blogspot.com.br](http://www.unidadeoblatajuazeiro.blogspot.com.br)



Rua Saldanha da Gama, 19  
1º Andar - Pelourinho  
Salvador/BA - Brasil  
CEP: 40.020-250 | (71) 3322.5432  
[pffeminina@oblatas.org.br](mailto:pffeminina@oblatas.org.br)  
[www.projetoforcafeminina.blogspot.com.br](http://www.projetoforcafeminina.blogspot.com.br)



La Casita  
Trabajo de Campo Schonthal  
Nazca 555, Las Flores  
Buenos Aires - Argentina  
(5411) 3814.9618  
[tcshonthal@gmail.com](mailto:tcshonthal@gmail.com)



Av. Santos Dumont, 664 - sala 327  
Belo Horizonte/MG - Brasil  
CEP: 30.111-040 | (31) 3272.7349  
[apmmbh@yahoo.com.br](mailto:apmmbh@yahoo.com.br)  
[dialogospelaliberdade.com](http://dialogospelaliberdade.com)



Instituto das Irmãs Oblatas  
do Santíssimo Redentor